

**A mão do Senhor sobre Esdras - liderança e providência  
divina em Esdras 7.1–10**  
uma análise exegetica

Vinícius Gonçalves Pires<sup>1</sup>

**RESUMO**

A perícopes de Esdras 7.1–10 constitui a introdução literária da atuação de Esdras na narrativa pós-exílica, apresentando sua genealogia sacerdotal, sua autoridade como escriba da Lei e a legitimação divina de sua missão. A análise exegetica do texto evidencia uma construção narrativa que busca estabelecer a autoridade religiosa de Esdras diante da comunidade judaica restaurada. Inicialmente, o estudo delimita a unidade textual da perícopes, destacando sua função como ponte literária entre a reconstrução do templo (Esdras 1–6) e a reforma espiritual centrada na Lei (Esdras 7 em diante). Em seguida, examina-se a transmissão textual e as variantes presentes nas principais tradições manuscritas, evidenciando possíveis condensações genealógicas e ajustes editoriais com finalidade teológica. Por fim, a análise literária e teológica demonstra que o versículo 10 sintetiza o ideal do líder religioso pós-exílico: buscar a Lei do Senhor, praticá-la e ensiná-la ao povo. Assim, a perícopes apresenta Esdras como modelo de autoridade espiritual legitimada tanto por sua linhagem sacerdotal quanto pela ação soberana de Deus na condução de sua missão.

**Palavras-chaves:** Livro de Esdras; Exegese do Antigo Testamento; Período Pós-exílico; Genealogia sacerdotal; Lei de Deus.

**ABSTRACT**

The pericope of Ezra 7:1–10 functions as the literary introduction to Ezra's activity in the post-exilic narrative, presenting his priestly genealogy, his authority as a scribe of the Law, and the divine legitimization of his mission. An exegetical analysis of the passage reveals a narrative construction designed to establish Ezra's religious authority within the restored Jewish community. The study first defines the textual boundaries of the pericope, highlighting its role as a literary bridge between the reconstruction of the temple (Ezra 1–6) and the spiritual reform centered on the Law (Ezra 7 onward). It then examines the textual transmission and variants present in the main manuscript traditions, revealing possible genealogical condensations and editorial adjustments with theological purposes. Finally, the literary and theological analysis shows that verse 10 summarizes the ideal model of a post-exilic religious leader: to study the Law of the Lord, to practice it, and to teach it to Israel. Thus, the pericope portrays Ezra as a model of spiritual authority legitimized both by his priestly lineage and by the sovereign action of God guiding his mission.

**Keywords:** Book of Ezra; Old Testament Exegesis; Post-exilic Period; Priestly Genealogy; Law of God.

---

<sup>1</sup> Graduando em Teologia pela FABAT. E-mail: vg\_pires@yahoo.com.br.

## 1 INTRODUÇÃO

O capítulo 7 do livro de Esdras se inicia apresentando Esdras e sua genealogia, destacando que ele veio de uma longa linhagem de sacerdotes, que remontava até o próprio Arão, o primeiro sumo sacerdote. É narrado que, durante reinado de Artaxerxes, Esdras saiu da Babilônia e foi para Jerusalém porque recebeu autorização do rei para viajar e liderar um grupo de judeus exilados de volta à terra de Israel. Sua chegada ocorreu no quinto mês do sétimo ano do reinado de Artaxerxes.

O versículo 10 afirma que Esdras "dispôs o seu coração para buscar a Lei do Senhor, e para cumpri-la, e para ensinar em Israel os seus estatutos e juízos" e por isso que a boa mão do Senhor estava sobre ele. Em suma, a perícopre de Esdras 7.1–10 trata da apresentação formal de Esdras como líder religioso e escriba autorizado, destacando sua genealogia sacerdotal, sua missão e o favor divino que o acompanha em sua jornada de retorno da Babilônia a Jerusalém.

Este artigo objetiva analisar exegeticamente a perícopre de Esdras 7.1–10, evidenciando a construção literária, histórica e teológica da liderança de Esdras como expressão da providência divina no contexto pós-exílico.

## 2 TRADUÇÃO LITERAL<sup>2</sup>

v.1 Depois destas coisas no reinado de Artaxerxes, rei da Pérsia, Esdras filho de Seraías, filho de Azarias, filho de Hilquias,

v.2 filho de Salum, filho de Zadoque, filho de Aitube,

v.3 filho de Amarias, filho de Azarias, filho de Meraiote,

v.4 filho de Zeraías, filho de Uzi, filho de Buqui,

v.5 filho de Abisua, filho de Finéias, filho de Eleazar, filho de Arão o principal sacerdote

v.6 Este mesmo Esdras subiu da Babilônia e ele era um escriba versado na Lei de Moisés,

---

<sup>2</sup> A tradução literal, assim como as citações bíblicas presentes ao longo do artigo, foi elaborada pelo autor.

dada pelo Senhor, Deus de Israel; de acordo com a mão do Senhor, seu Deus, que estava sobre ele, o rei concedeu tudo o que ele pediu.

v.7 Também subiram a Jerusalém alguns dos filhos de Israel, e dos sacerdotes, e dos levitas, e dos cantores, e dos porteiros, e dos servos do templo, no sétimo ano do rei Artaxerxes.

v.8 E chegou a Jerusalém no quinto mês, no sétimo ano do rei.

v.9 Então, no primeiro dia do primeiro mês ele começou a subida da Babilônia, e no primeiro dia do quinto mês ele chegou a Jerusalém, conforme a boa mão de Deus sobre ele.

v.10 Porque Esdras preparou o coração para buscar a lei do Senhor, e para cumprir e para ensinar em Israel estatutos e juízos.

### 3 DELIMITAÇÃO

Esdras 7.1-10 é delimitado como uma perícope, pelos versículos de Esdras 6.22 e 7.11, funcionando como um bloco narrativo de transição e introdução, com características próprias que o diferenciam dos textos supracitados.

O versículo 22 do capítulo 6 faz parte da narrativa sobre a dedicação do templo e a celebração da Páscoa pelos judeus que retornaram do exílio, evidenciando um momento de renovação espiritual, e termina com a observação de que Deus "mudou o coração do rei da Assíria" a favor do povo. Encontra-se, ao final deste versículo, a letra פ apontando para uma *parashá* aberta que segundo Fischer (2013, p. 31) “designa uma unidade de significado maior ou mais extensa e que se inicia com uma nova linha”.

Desta maneira, afirma-se que o capítulo 6 assim é encerrado, indicando o início de uma nova perícope a partir de Esdras 7.1 que começa com a frase *אַחֵר כִּי־בָרְכִים הָאֵלֶּה* ("Depois destas coisas"), uma fórmula típica de transição narrativa no hebraico bíblico, frequentemente utilizada para introduzir novos episódios, indicar progressão temporal e estabelecer continuidade discursiva com o contexto precedente (Waltke; O'Connor, 1990, p. 650–651; Alter, 1981, p. 62–63; Berlin, 1994, p. 111–113), conectando o novo episódio

ao contexto anterior, narrado em Esdras 6, e marcando o início de uma nova unidade temática. Esta fórmula também evidencia uma lacuna temporal entre os capítulos 6 e 7 confirmada por Gusso (2011, p. 107) ao afirmar que “é muito importante lembrar que entre o capítulo 6 e o capítulo 7 de Esdras há um espaço de aproximadamente 60 anos”, enquanto Moody (1994, p.17) assinala que “entre os capítulos 6 e 7, há um intervalo de cinquenta e oito anos [...]”. A perícopes termina no versículo 10 e isto se justifica tanto pela presença de uma seção fechada chamada de setumá, representada pela letra  $\sigma$  e que separa o texto seguinte (7.11) do anterior (7.10), quanto pelo fato do versículo 11 de Esdras 7 introduzir uma nova seção marcada por um documento oficial: a carta do rei Artaxerxes a Esdras (7.11-26 que é a próxima perícopes).

Portanto, Esdras 7.1-10 é um bloco coeso e intencionalmente delimitado, funcionando como ponte literária entre a primeira missão de retorno (capítulos 1–6) e a nova fase (capítulo 7 em diante), centrada na Lei e na reforma espiritual.

O texto analisado é uma unidade temática porque apresenta, de forma coesa, a introdução de Esdras como líder central, destacando sua genealogia sacerdotal, sua função como escriba da Lei de Deus, a autorização real para sua missão e a ação divina orientando sua jornada. O texto é construído com estrutura narrativa clara e a repetição da expressão (v. 6,9) “mão do Senhor, seu Deus, que estava sobre ele) reforça a coesão teológica do trecho.

#### 4 CRÍTICA TEXTUAL

O texto manuscrito da Bíblia hebraica foi transmitido ao longo de muitos séculos. Além disso, ele foi objeto, antes do séc. I de nossa era, de mudanças e acréscimos que espelhavam diversas tradições. O resultado é que existem diversas formas dos textos, que se evidenciam, por exemplo, no texto massorético, na tradução grega dos LXX e no Pentateuco Samaritano (Pisano, 2000, p. 39). Visto que nenhuma fonte textual contém o que poderia ser chamado de "o" texto bíblico, um envolvimento sério nos estudos bíblicos requer claramente a análise de todas as fontes, incluindo as diferenças entre elas (Tov, 2001, p. 2). Nesse aspecto, cabe à crítica textual, por meio do exame crítico da transmissão

do texto hebraico, bem como das traduções antigas, localizar as inexatidões que surgiram ao longo da história (Steck, 1998, p. 40). Reconstruir a (provável) redação original a partir dos manuscritos atualmente conhecidos supõe realizar um trabalho crítico em duas direções: crítica externa e interna. Onde a última observa a articulação das ideias, uso das palavras, estilo, teologia (Silva, 2000, p. 45).

#### 4.1 APARATO CRÍTICO

##### **Verso 1.**

O v.1. contém duas notas:

- a) O aparato crítico da Bíblia Hebraica Stuttgartensia (BHS) observa que a Septuaginta (LXX) adiciona o verbo *ἀνέβη* (“subiu”) na introdução de Esdras 8.1 (parte “a”). Além disso, tanto a própria Septuaginta quanto o texto grego de 3 Esdras 8.1 (1 Esdras na LXX) acrescentam o verbo *προσέβη* (“aproximou-se” ou “chegou”).
- b) A BHS propõe a exclusão do nome *סְרָאִיָּא* (Seraías).

##### **Verso 2.**

O v.2 não contém nota.

##### **Verso 3.**

O v.3. contém uma nota:

- a) O aparato crítico da Bíblia Hebraica Stuttgartensia (BHS) sugere a exclusão dos seguintes nomes que aparecem na genealogia preservada no texto massorético: Joãã, Azarias, Aimaáás, Zadoque, Aitube e Amarias. Essa proposta se baseia na comparação com a genealogia paralela em 1 Crônicas 5.33–35

##### **Verso 4.**

O v.4 não contém nota.

##### **Verso 5.**

O v.5 não contém nota.

**Verso 6.**

O v.6 não contém nota.

**Verso 7.**

O v.7 contém uma nota:

- a) A nota indica que  $\text{וַיִּשְׁבְּרוּ}$  (“e subiram”) deve ser lida como  $\text{וַיִּשְׁבִּי}$  (“e subiu”).

**Verso 8.**

O v.8 contém duas notas:

- a) O aparato crítico indica que alguns poucos manuscritos do texto grego de Esdras (denominado 2 Esdras na Septuaginta), bem como a versão siríaca Peshitta segundo o Códice Ambrosiano (séc. VI/VII), editado por A. M. Ceriani; a edição da Peshitta presente na Poliglota de Londres, vols. I–III, organizada por B. Walton (Londres, 1654–1657), e também a Vulgata Latina (séc. IV–V), conforme a edição do Mosteiro Beneditino de São Jerônimo, abreviam a forma inicial da palavra hebraica  $\text{אָנָּה}$  (“então/ora”), sugerindo uma variação textual no início do versículo.
- b) A nota indica que, em 3 Esdras 8.5 segundo o texto grego do Códice Vaticano, aparece a expressão  $\text{ὁ δεύτερος}$  (“o segundo”), e não “dentro” como em 8.5<sup>a</sup>.

**Verso 9.**

O v.9 contém uma nota:

- a) O aparato crítico da Bíblia Hebraica Stuttgartensia (BHS) indica que a palavra  $\text{וְ$  (“porque” ou “quando”) deve ser lida como  $\text{וְ$ .

**Verso 10.**

O v.10 não contém nota.

#### **4.1.1 Aplicação da crítica textual indiciária**

Comparando as duas listas genealógicas (conforme sugerido pela nota “a” no aparato crítico de Esdras 7.3) de Esdras 7.1–5 e 1 Crônicas 5.33–35 (equivalente a 6.34–38 na BHS), identificam-se os nomes que aparecem em Crônicas 6.34–38 e estão ausentes em Esdras 7.1–5: Abisua, Buqui, Uzi, Zeraías, Meraiote. Esses nomes aparecem entre

Finéias e Azarias na genealogia de 1 Crônicas, mas são omitidos em Esdras. Isso indica que a genealogia de Esdras é condensada, provavelmente com fins teológicos e literários, para destacar apenas os nomes mais relevantes ou conhecidos. Segundo Moody (1994, p. 17) “para encurtar a lista, seis nomes foram excluídos entre os nomes de Azarias e Meraiote (Esdras 7.3; 1 Cr. 6: 7-11).” Portanto, infere-se que a genealogia de Esdras foi cuidadosamente construída (e possivelmente editada) com o objetivo de estabelecer sua legitimidade sacerdotal e autoridade espiritual diante da comunidade pós-exílica. Segundo Lopes (2025, p. 109), o narrador faz questão de dar as credenciais de Esdras porque conferem a ele posição social e poder espiritual, além de legitimar seu ofício.

Pontua-se que o texto de 7.1–10 está em hebraico clássico, enquanto a partir de Esdras 7.11 inicia-se uma carta em aramaico (até 7.26), o que marca uma mudança abrupta de idioma, sinalizando que 7.1–10 é uma seção editorial separada ou talvez um bloco redacional posterior inserido como prólogo da atuação de Esdras. A mudança abrupta de língua e gênero sugere redação composta com possível incorporação de fontes distintas. “Esdras, junto a Daniel, é um dos livros do Antigo Testamento que contém grandes trechos escritos em aramaico em vez de hebraico.” (Hill e Walton, 2007, p. 292)

A frase “*וַיְהִי כִּי יָרַד עִזְרָא מִבָּבֶל*” (a mão do Senhor, seu Deus, que estava sobre ele. v. 6 e 9) é repetida, sugerindo uma tendência de reforçar a ideia de que Esdras não apenas recebeu autoridade do rei persa, mas que sua missão era legitimada e conduzida pela vontade divina.

A partir da análise do aparato crítico, pode-se elencar algumas observações conclusivas:

- No verso 1, a adição de *ἀνέβη* ("subiu") e *προσέβη* ("aproximou-se" ou "dirigiu-se") na Septuaginta e em 3 Esdras reforça uma ação deliberada de Esdras, indicando movimento e propósito em sua jornada. Essas palavras não aparecem no texto massorético (hebraico), o que pode indicar que as versões gregas buscaram intensificar a narrativa ao dar mais ênfase à autoridade ou liderança ativa de Esdras.
- O versículo 7 apresenta a comitativa que subiu com Esdras da Babilônia a Jerusalém. A nota indica que *וַיַּעֲלֵה* deve ser lida como *עָלָה*. Ou seja, o verbo

no plural “*e subiram*” é reinterpretado ou sugerido para ser lido como a forma no singular “*e subiu*”, provavelmente para harmonizar com o sujeito singular, Esdras, no contexto imediato. Essa sugestão pode ter implicações significativas para a interpretação do texto, pois indicaria que apenas Esdras realizou a subida, e não um grupo inteiro com ele nesse ponto específico.

## 5 COESÃO INTERNA DA SUA PERÍCOPE

A análise da coesão interna de um texto parte das observações de importantes elementos que buscam interligar as partes da perícopes. Esdras 7.1–10 é considerada uma perícopes coesa porque apresenta uma unidade literária e temática clara, com começo, desenvolvimento e conclusão bem definidos.

A sequência de nomes nos versículos 1–5 segue a fórmula genealógica repetitiva “*ben*” (בן, “filho de”), criando um ritmo cadenciado e uma cadeia ininterrupta de descendência. Essa repetição reforça a continuidade e a legitimidade da linhagem sacerdotal de Esdras.

A expressão “אֵלֵינוּ הַטֹּבָה עִלָּינוּ” (a mão do Senhor, seu Deus, que estava sobre ele) aparece duas vezes (v.6 e v.9), funcionando como um refrão teológico que estrutura a narrativa e reforça a ideia de que a missão de Esdras é divinamente guiada.

O versículo 10 apresenta um paralelismo triplo: “וּלְלַמֵּד ... וְלַעֲשׂוֹת ... וְלִבְרֹאשׁוֹ” (para buscar... para executar... e para ensinar)<sup>3</sup>, que organiza a missão de Esdras em três ações progressivas. Esse paralelismo é típico da poesia e da prosa elevada hebraica, e contribui para a força retórica e a clareza do propósito do personagem.

---

<sup>3</sup> Bíblia Sagrada Interlinear Hebraico-Português e Grego-Português. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2024, p.2620.

Os verbos estão bem encadeados mantendo o fluxo da ação porque o uso de conectores ajuda a costurar o fluxo narrativo com coerência lógica, ligando proposições, ideias e ações:

- וַיַּעֲלֶה (“e subiu”) – conjunção vav consecutiva, marca a sequência narrativa (v. 6).
- כִּי (“porque”) – causal explicativo (v. 10), ligando a prática de Esdras à sua preparação teológica.
- עַל (“sobre”, “por causa de”) – usada para indicar motivo ou causa, especialmente no v. 6.

### 5.1 ESTRUTURA

David Dorsey (2024, p. 183) estrutura está perícopes da seguinte maneira: “O retorno de Esdras a Jerusalém com os judeus (7.1-10)”. Já Fee e Stuart (2013, p. 131), a incluem como parte de uma seção que intitulam “O retorno de Esdras e outros a Jerusalém (458.a.C)”. Hill e Walton (2007, p. 296), ao esboçarem o livro de Esdras inserem a perícopes em análise na primeira parte das Memórias de Esdras denominada “Chegada de Esdras (7-8)”. Moody (1994, p. 17) considera Esdras 7.1-10 um bloco estrutural único, que intitula de “Apresentação de Esdras”. Nesse trecho, são expostas tanto as ligações familiares quanto as características pessoais de Esdras, além de um breve resumo de sua longa viagem.

Diferentemente dos autores supracitados, que leem essa perícopes como um bloco homogêneo introdutório ao retorno de Esdras, ressalta-se que há uma inflexão interna no texto, onde a narrativa passa do reconhecimento da identidade de Esdras para a afirmação de sua missão espiritual. Portanto, sugere-se neste trabalho exegético a seguinte estrutura:

- 1) A genealogia de Esdras (v.1-5)**
- 2) Caracterização de Esdras (v.6)**
- 3) Viagem de Esdras e outros judeus a Jerusalém (v.7-9)**
- 4) Missão e motivação espiritual de Esdras (v.10)**

Essa divisão realça o versículo 6 como ponte entre as duas seções: ao mesmo tempo em que encerra a genealogia, antecipa a missão de Esdras, funcionando como eixo de transição. A estrutura valoriza os elementos literários do texto hebraico, como a cadência rítmica da genealogia (v. 1–5), a cláusula teológica de transição — “a mão do Senhor estava sobre ele” (v. 6 e 9) — e o paralelismo progressivo do versículo 10 (“buscar... executar... ensinar”), que opera como uma conclusão programática da perícopé.

## 6 ANÁLISES

### 6.1 ANÁLISE DO CONTEXTO HISTÓRICO-CULTURAL

O contexto histórico-cultural de Esdras 7.1–10 está situado no período do pós-exílio babilônico, mais especificamente no tempo do domínio persa sobre o antigo território de Judá.

Peetz (2022, p. 202) afirma que,

[...] os persas não adotam uma política de opressão, mas garantem autonomia do ponto de vista da política interna aos povos submetidos, desde que se mantenham fiéis ao império persa e paguem os impostos exigidos.

Após 70 anos do cativeiro de Israel, houve três retornos de judeus da Pérsia para Jerusalém. O primeiro contingente retornou sob a liderança de Zorobabel em aproximadamente 538 a.C., e um segundo grupo foi dirigido por Esdras 80 anos depois, em 458 a.C. (Hindson e Yates, 2014, p. 184)

O livro de Esdras concentra-se nos dois primeiros retornos. A primeira seção (capítulos 1-6) aborda o retorno sob a liderança de Zorobabel para a reconstrução do templo, entre 538 e 515 a.C. A segunda seção (cap.7-10) trata do retorno sob a liderança de Esdras, cujo propósito foi adornar o templo e corrigir o povo, reedificando-o espiritualmente. Entre essas duas seções há um período de aproximadamente seis décadas durante o qual ocorreram os acontecimentos de Ester (482 a 473 a.C.). (Hindson e Yates,

2014, p. 184).

O ambiente político da época era dominado pelo Império Persa, que governava a região e permitia certa autonomia religiosa aos povos sob seu domínio. Artaxerxes não apenas autorizou a missão de Esdras, mas também forneceu recursos materiais para o templo e garantiu apoio financeiro dos tesoureiros reais para os sacrifícios e despesas do culto. Esse respaldo imperial foi essencial para a revitalização da vida religiosa em Jerusalém.

A política dos reis assírios e babilônios fora expatriar os povos conquistados, isto é, tirá-los de suas pátrias e espalhá-los por outras, mas a política dos reis persas, exatamente ao contrário, foi repatriar esses povos, isto é, mandá-los de volta as suas terras. Os reis persas eram mais humanos do que os reis assírios e babilônios (Halley, 1998, p. 213).

## 6.2 ANÁLISE DA MATERIALIDADE

Não há evidências arqueológicas diretas que confirmem especificamente Esdras 7:1-10, mas há registros históricos que contextualizam esse período. O capítulo menciona Esdras recebendo autorização do rei Artaxerxes da Pérsia para retornar a Jerusalém e ensinar a Lei de Deus. Embora não existam artefatos diretamente ligados a Esdras, há documentos persas e inscrições que confirmam a existência de Artaxerxes e sua política de apoio a grupos religiosos dentro do império (Liverani, 2003, p. 297–302; Kuhrt, 2007, p. 687–692).

A chamada *Inscrição dos Daivā* de Xerxes (486-465 a.C.), indicada pela sigla XPh/OP,<sup>3</sup> é uma das mais intrigantes e debatidas inscrições reais Aquemênidas e menciona a supressão de um culto religioso dentro do Império Aquemênida (Araújo 2022). Esculpida em várias placas de pedra encontradas em Persépolis, na área das guarnições, com dimensão aproximada de 50cm x 50cm x 10cm, ela foi preservada em dois exemplares persas, um exemplar elamita e, finalmente, outro exemplar em acádio babilônico, que eram as línguas usualmente utilizadas para as proclamações oficiais (Araújo 2022). Embora não seja diretamente ligada a Artaxerxes, ela oferece um contexto sobre a política religiosa dos reis persas. Alguns estudiosos interpretam essa inscrição como um reflexo da postura dos aquemênidas em relação a cultos locais, sugerindo que

Artaxerxes pode ter seguido uma abordagem semelhante, promovendo certas práticas religiosas enquanto restringia outras (Araújo 2022). Embora não mencione Esdras diretamente, inscrições reis como as de Persépolis, confirmam que Artaxerxes I, mencionado em Esdras 7.1, existiu e governou conforme relatado.

As inscrições do *Cilindro de Ciro* (536 a.C) também não citam o nome e Esdras, mas mostram que o Império Persa mantinha uma política de permitir que os povos exilados retornassem e reconstruíssem seus templos – o que é consistente com a Missão de Esdras. Conforme trecho do cilindro, Ciro diz: “... eu trouxe de volta para seus lugares os deuses que neles haviam habitado... Mantive unida todas as suas pessoas e trouxe-as de volta às suas habitações.” (Peetz, 2022, p. 208) Esta autora ainda declara que:

Com Ciro II, impõe-se indubitavelmente um novo estilo de governo no Oriente Próximo. Os persas não procuram esmagar os povos subjugados, mas, ao contrário, favorecem sua identidade religiosa e cultural.... deve-se ter em mente que não se trata de uma tolerância por convicção, mas de tolerância estratégica e pragmática. Em relação aos povos, ela dura enquanto a soberania dos persas não é questionada. Contudo, caso isso, aconteça, os persas tomam medidas drásticas de modo tão consistente e rigoroso quanto os assírios e babilônios o fizeram anteriormente.

As informações presentes no *Cilindro de Ciro* reforçam o pano de fundo histórico do qual emerge a missão de Esdras, conforme descrita em Esdras 7.1–10. Embora Esdras não seja citado nominalmente nas inscrições, a política persa de repatriação dos povos exilados e reconstrução de seus centros religiosos é consistente com a narrativa bíblica que legitima a ida de Esdras a Jerusalém com o apoio do rei Artaxerxes

Por último, cita-se como fonte de materialidade a *inscrição autobiográfica de Udjahorresnet*, um egípcio que atuou como colaborador da administração persa, principalmente sob Cambises (525–522 a.C.) e Dario I (522–486 a.C.) (Blenkinsopp, 1987). Ele trabalhou para restaurar o culto no templo de Neith em Sais, promovendo a expulsão de estrangeiros, a purificação do templo e a reorganização do serviço sacerdotal, com apoio direto do império persa. (Blenkinsopp, 1987). A missão de *Udjahorresnet* incluiu também a restauração das “Casas da Vida”, centros ligados à formação de escribas

e médicos-sacerdotes, indicando o investimento persa na organização religiosa e jurídica local. Essas instituições eram responsáveis por produzir leis, registros culturais e educação religiosa, funcionando como centros de poder intelectual e sacerdotal. (Blenkinsopp, 1987)

Blenkinsopp (1987, p. 417-419) afirma que “o seu mandato [de Esdras] era comparável ao de Udjahorresnet no Egito, mais de meio século antes” e que a missão de Esdras apresenta fortes paralelos com a de Udjahorresnet, pois ambos:

- Eram escribas e de linhagem sacerdotal;
- Foram enviados sob mandato oficial persa;
- Tinham como objetivo restaurar o culto e reorganizar a comunidade segundo a lei tradicional;
- Atuavam como representantes do governo imperial junto a seus povos locais.

Conclui-se, portanto, que a ausência de artefatos diretamente ligados a Esdras não compromete a credibilidade histórica de sua atuação. Pelo contrário, as evidências materiais disponíveis, ainda que indiretas, ajudam a situar sua missão dentro de uma política imperial bem documentada.

## **7 GÊNERO LITERÁRIO**

O gênero literário é fundamental para a exegese bíblica, pois influencia diretamente a interpretação correta do texto. De acordo com Osborne (2009), o gênero funciona como uma ponte entre o texto e o leitor, e todo intérprete se dedica a estudar um texto com certas expectativas, em parte baseadas na sua própria compreensão de gênero. Ryken (2023, p. 15) destacou que cada gênero tem suas características distintivas e, como leitores, precisamos abordar passagens da Bíblia com expectativas corretas. O autor ainda ressalta que “nossa consciência de gênero programa nossa interação com o texto bíblico e nos diz o que procurar e como interpretar aquilo que vemos.”

Portanto, o domínio dos gêneros literários é fundamental para uma interpretação bíblica precisa. Como afirmam Klein, Blomberg & Hubbard Jr (2017, p. 518) compreender cada gênero possibilita ao estudante da Bíblia evitar equívocos sérios e

interpretar corretamente os textos bíblicos.

Ryken (2023, p.15) afirma que uma das maneiras mais comuns de definir a literatura é por meio de seus gêneros ou tipos literários e ressalta que os principais gêneros literários da bíblia são a narrativa ou o relato, a poesia (especialmente a poesia lírica), o provérbio e o registro de visões (que abrange textos proféticos e apocalípticos).

O gênero literário de Esdras 7:1-10 pode ser classificado como narrativa histórica ou historiografia bíblica caracterizada por narração em prosa direta.

Esse gênero foi deliberadamente cultivado pelos escritores hebraicos, que o julgaram mais adequado para o registro de eventos históricos do que o gênero épico ou os anais que predominavam nas culturas vizinhas do Antigo Oriente Próximo, especialmente na Mesopotâmia (Alter e Kermode, 1997, p. 387).

A narração em prosa, por outro lado, propicia a flexibilidade linguística essencial ao relato histórico - uma narração livre, isolada, apresentada na terceira pessoa, abordando um dado acontecimento ou situação no passado (Klein, Hubbard & Blomberg, 2017, p. 522; Alter e Kermode, 1997, p. 387).

Segundo Lima (2014, p. 173-174), historiografia:

são narrações que relatam acontecimentos relacionados com a nação inteira e tem uma intenção religiosa, narrando os fatos de forma a ressaltar, em última instância, seu caráter de anúncio acerca de Deus, a relação entre as ações humanas e o plano de Deus e o juízo divino sobre a história.

## **8 COMENTÁRIO EXEGÉTICO<sup>4</sup>**

### **A genealogia de Esdras (v.1-5)**

<sup>1</sup>Depois destas coisas no reinado de Artaxerxes, rei da Pérsia, Esdras

---

<sup>4</sup> Tradução elaborada pelo autor.

filho de Seraías, filho de Azarias, filho de Hilquias, <sup>2</sup>filho de Salum, filho de Zadoque, filho de Aitube, <sup>3</sup>filho de Amarias, filho de Azarias, filho de Meraiote, <sup>4</sup>filho de Zeraías, filho de Uzi, filho de Buqui, <sup>5</sup>filho de Abisua, filho de Finéias, filho de Eleazar, filho de Arão o principal sacerdote.

O trecho dos versos 1-5 começa com uma fórmula típica de transição narrativa: “Depois destas coisas...”, situando o leitor no tempo do reinado de Artaxerxes. Em seguida, apresenta a genealogia de Esdras, conectando-o diretamente a Arão, o sumo sacerdote. Essa introdução estabelece a legitimidade sacerdotal e a autoridade religiosa de Esdras, preparando o terreno para sua missão.

Apesar de Esdras ser descrito como descendente de Arão, de linhagem sacerdotal, em nenhum momento há uma descrição detalhada de Esdras realizando sacrifícios ou rituais específicos como os que Arão fazia. Ou seja, Esdras não é apresentado como sacerdote em exercício litúrgico ao longo do capítulo 7 nem nos capítulos seguintes do Livro de Esdras. Ele aparece apenas como escriba e mestre da Lei. Desta maneira, infere-se que essa perícopa institui a transição do sacerdócio centrado no altar para a liderança centrada na Lei.

De acordo com Walton *et al.* (2018, p. 608) “Esdras precisava ser reconhecido como alguém com as credenciais apropriadas para que sua missão fosse aprovada e suas ações reconhecidas como lei.” Este autor também ressalta que, embora o texto não afirme que Esdras exerceu o ofício de sumo sacerdote, sua menção na linhagem de Arão destaca a relevância de sua herança sacerdotal. Ou seja, embora Esdras não fosse sumo sacerdote, sua descendência direta de Arão lhe conferia legitimidade genealógica para liderar o processo de restauração da comunidade com base na lei mosaica (Waltke, 2015, p. 873).

### **Caracterização de Esdras (v.6)**

<sup>6</sup>Este mesmo Esdras subiu da Babilônia e ele era um escriba versado na Lei de Moisés, dada pelo Senhor, Deus de Israel; de acordo com a mão do Senhor, seu Deus, que estava sobre ele, o rei concedeu tudo o que ele pediu.

Esdras é apresentado como escriba e profundo conhecedor da Lei de Moisés, alguém capacitado para interpretá-la e ensiná-la com autoridade. Tov (2017, p. 67 e 211) destaca que, de acordo com a tradição talmúdica, a escrita hebraica quadrática foi introduzida por Esdras, bem como provém de sua época um aparato de instruções para a escrita e leitura do texto bíblico chamado massorá.

Como escriba é bem provável que Esdras tenha sido um funcionário do governo persa. Era bastante comum nos governos do Antigo Oriente Próximo empregar pessoas capacitadas não apenas como secretários e escriturários, mas como diplomatas e advogados (Walton *et al.*, 2018, p. 608).

Lopes (2025, p. 111) relata que “o termo ‘escriba’ era originalmente empregado para descrever a posição do secretário de Estado (2 Sm 20.25) ou secretário particular da realeza (2 Sm 8.17; 2Rs 22.3-13). Sendo assim Esdras era algum tipo de oficial político.” Entretanto, apesar de ter conexões políticas com o governo persa, Esdras desfrutava da presença de Deus em sua vida e o fato de que “*a mão do Senhor, seu Deus, estava sobre ele*” fez com que o rei desse tudo o que Esdras o havia pedido. Hudson & Yates (2014, p.189) afirmam que “o Senhor usou o exílio na Babilônia para punir a nação e, depois, usou a tolerância religiosa dos reis persas para que Israel pudesse retornar ao lar.” Ou seja, independente de suas qualificações, foi a soberania e a providência de Deus que conduziram Esdras ao êxito no cumprimento da missão. No versículo 6, constata-se que a soberania de Deus guia o processo de Artaxerxes decidir conceder tudo o que Esdras pediu. O que parece concessão política é, na verdade, providência divina.

### **Viagem de Esdras e outros judeus a Jerusalém (v. 7-9)**

<sup>7</sup>Também subiram a Jerusalém alguns dos filhos de Israel, e dos sacerdotes, e dos levitas, e dos cantores, e dos porteiros, e dos servos do templo, no sétimo ano do rei Artaxerxes.<sup>8</sup>E chegou a Jerusalém no quinto mês, no sétimo ano do rei. <sup>9</sup>Então, no primeiro dia do primeiro mês ele começou a subida da Babilônia, e no primeiro dia do quinto

mês ele chegou a Jerusalém, conforme a boa mão de Deus sobre ele.

Os versículos 7-9 narram a viagem de Esdras e de um grupo de israelitas da Babilônia a Jerusalém, com datas precisas e menção explícita da mão de Deus sobre ele. Isso dá à narrativa um tom histórico e teológico, mostrando que a missão de Esdras é tanto humana quanto divinamente conduzida. Os versículos 8 e 9 descrevem que o sucesso da viagem de Esdras à Jerusalém está diretamente relacionado ao fato da boa mão de estar sobre ele. O fato de Esdras ser um líder que está debaixo da boa mão de Deus, lhe possibilitou a realização de coisas extraordinárias em nome de Deus para o povo de Deus (Lopes, 2025, p. 108-109).

### **Missão e motivação espiritual de Esdras (v.10)**

<sup>10</sup>Porque Esdras preparou o coração para buscar a lei do Senhor, e para executar e para ensinar em Israel estatutos e juízos.

O versículo 10 é o ponto alto da perícopa porque essa declaração resume a motivação, o propósito e a missão de Esdras, encerrando a unidade com clareza e profundidade espiritual. Esdras buscou diligentemente as Escrituras a fim de que pudesse viver de acordo com elas e ensiná-las a Israel, e por isso a mão do Senhor estava sobre ele. Ele tinha profundo desejo de estudar as verdades de Lei do Senhor, seu coração era voltado para a santidade e havia nele vontade de liderar o povo, ensinando-o sobre os estatutos e juízos da Lei do Senhor. Lopes (2025, p.113) afirma que:

O profundo conhecimento de Esdras, granjeado pelo seu acendrado estudo da lei de Moisés, não tinha o propósito apenas de ter luz na mente. Ele também colocou em prática o que aprendeu. Ele também colocou em prática o que aprendeu. Mas não parou aí. Ele ensinou aos outros o que conhecia e praticava. Esdras pregava aos ouvidos e aos olhos. Ele conhecia e fazia, fazia e ensinava.

Waltke (2015, p.873) enfatiza que “esse reformador se dedicou (lit. ‘dispôs seu

coração a buscar’) à Lei de EU SOU e a ensinar em Israel os estatutos e juízos da aliança mosaica”. Desta maneira, o seu interesse por dominar a Lei do Senhor terminou por expressar-se na forma de um ministério didático entre seu povo e seu exemplo definiu um padrão para os escribas judeus cuja tarefa era o estudo, a cópia e preservação bem como a exposição das Escrituras para as gerações futuras (Hyndson e Yates, 2014, p. 188; Hill e Walton, 2007, p. 303).

## 9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A perícopes de Esdras 7.1–10 desempenha um papel essencial na construção teológica e narrativa do capítulo, estabelecendo as credenciais de Esdras e seu papel fundamental na restauração espiritual de Israel. A narrativa se apresenta como uma construção literária coesa, cujo objetivo é apresentar Esdras como uma figura legitimada geneologicamente, espiritualmente e politicamente.

A análise histórica contextualiza Esdras como escriba e líder autorizado pelo império persa, em consonância com práticas administrativas e religiosas documentadas em inscrições como o Cilindro de Ciro e a inscrição de *Udjahorresnet*. A política de repatriação e reorganização religiosa aplicada aos judeus, semelhante à de outros povos do império, demonstra o apoio dos reis persas à restauração religiosa e cultural sem abrir mão do controle político.

Sob a perspectiva teológica, a perícopes evidencia que o êxito da missão de Esdras não se fundamenta unicamente em sua linhagem sacerdotal ou no respaldo do poder imperial, mas na atuação soberana e providencial de Deus. O texto apresenta Esdras como exemplo de liderança espiritual, caracterizada pelo comprometimento em buscar, aplicar e transmitir a Lei do Senhor, um modelo que se alinha profundamente ao ideal de fidelidade no contexto pós-exílico. A perícopes se encerra com uma ênfase clara: a restauração plena de Israel tem como ponto de partida a centralidade das Escrituras na vida da comunidade.

### 9.1 APLICAÇÃO DA PERÍCOPE

A perícopes mostra que Esdras carrega um compromisso com a restauração da identidade de um povo e a vida dele aponta para a importância de líderes espirituais que

estejam enraizados na Palavra e comprometidos com uma prática coerente. A tríade “buscar, praticar e ensinar” (v.10) encoraja todos que exercem influência, seja na igreja, na família ou na sociedade, a liderarem com integridade e consistência.

Esdras nos deixa um ótimo exemplo a ser seguido porque era um homem com o coração preparado e dedicado do Estudo das Escrituras e não se ateuve somente à estudá-la, mas ele também a colocou em prática na sua vida diária. Devemos proceder da mesma maneira, porque se nosso conhecimento das verdades reveladas na Palavra de Deus não resultar em obediência, em lugar de ansiarmos pelo Senhor, acabaremos cheios de orgulho. Esdras não apenas estudou a Palavra e obedeceu a ela, mas também ensinou a outros.

Por último, quando lemos a expressão “a mão do Senhor estava sobre ele”, somos lembrados de que o verdadeiro impacto no ministério não depende apenas de dons ou preparo, mas da presença de Deus que nos guia e sustenta. Isso encoraja cada um de nós a não colocarmos nossa confiança apenas em métodos ou estratégias, por mais bem elaborados que sejam. Antes de tudo, precisamos buscar a direção do Senhor com humildade e fé, certos de que é a mão dEle que abre caminhos, fortalece corações e dá frutos duradouros à missão que Ele nos confiou

## REFERÊNCIAS

- ALTER, Robert. **The art of biblical narrative**. New York: Basic Books, 1981.
- ALTER, Robert; KERMODE, Frank. **Guia Literário da Bíblia**. Trad. Raul Fiker, Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.
- ARAÚJO, Matheus Treuk Medeiros de. A “Inscrição dos Daivã” de Xerxes (XPh/OP): introdução crítica, tradução do persa antigo para o português e comentários. **Heródoto, Unifesp**, Guarulhos, v.7, n.1 - 2022.1. p. 91-117.
- BERLIN, Adele. **Poetics and interpretation of biblical narrative**. Sheffield: Almond Press, 1994.
- BLINKINSOPP, Joseph. The Mission of Udgahorresnet and Those of Ezra and Nehemiah. **Journal of Biblical Literature**, v.106, n.3, set.1987, pp.409-421. Disponível

em: <http://www.jstor.org/stable/3261065> acesso em 19.mai.2025.

DORSEY, David A. **Estrutura Literária do Antigo Testamento**: comentário de Gênesis a Malaquais. São Paulo: Vida Nova, 2024, 384p.

FEE, Gordon; STUART, Douglas. **Como ler a Bíblia livro por livro**: um guia de estudo panorâmico da Bíblia. São Paulo: Vida Nova, 2013, 527p.

FISCHER, Alexander Achilles. **O texto do Antigo Testamento – Edição reformulada da Introdução à Bíblia Hebraica de Ernest Würthwein**. Trad. Vilson Scholz. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013, 339p.

GUSSO, Antônio Renato. **Os Livros Históricos**: introdução fundamental e auxílios para a interpretação. Curitiba: A.D. Santos Editora, 2011, 136p.

HALLEY, Henry H. **Manual Bíblico**: um comentário abreviado do Bíblia. Edição Revista e Ampliada. São Paulo: Vida Nova, 1998, 767p.

HILL, Andrew E.; WALTON, John H. **Panorama do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2007, 684p.

HINDSON, Edward E.; YATES, Gary. **A Essência do Antigo Testamento**. Rio de Janeiro, 2014, 440p.

KLEIN, William W.; HUBBARD JR, Robert L.; BLOMBERG Craig L. **Introdução à interpretação bíblica**. Trad. Maurício Bezerra Santos Silva. 1.ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017. 896p.

KUHRT, Amélie. **The Persian Empire**: A Corpus of Sources from the Achaemenid Period. London: Routledge, 2007.

LIMA, Maria e Lourdes Corrêa. **Exegese bíblica**: teoria e prática. São Paulo: Paulinas, 2014, 204p.

LIVERANI, Mario. **Para além da Bíblia**: História antiga de Israel. São Paulo: Paulus, 2003.

LOPES, Hernandes Dias. **Esdras: o escriba pregador**. São Paulo: Hagnos, 2025, 191p.

MOODY BIBLE INSTITUTE (org.). **Comentário Bíblico Moody**. 1. ed. São Paulo: Edições Vida Nova, 1994.

OSBORNE, Grant R. **A Espiral Hermenêutica**: uma nova abordagem à interpretação bíblica. Trad. Daniel de Oliveira, Robinson N. Malkomes, Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2009. 767p.

PEETZ, Melanie. **O Israel Bíblico**: história, arqueologia, geografia. São Paulo: Paulinas, 2022, 328p.

PISANO, Stephen. **O texto do Antigo Testamento**. In: SIMIAN-YOFRE, Horacio (org). São Paulo: Edições Loyola, 2000, pp.39-71.

RYKEN, Leland. **Uma introdução literária à Bíblia**. Trad. Susana Klassen. São Paulo: Vida Nova, 2023. 640p.

SILVA, Cássio Murilo D. da. **Metodologia de Exegese Bíblica**. São Paulo: Paulinas, 2000.

STECK, O. Hannes. Text Criticism. In: SWEENEY, Marvin A. (ed). **Atlanta**: Society of Biblical Literature, 1998.

TOV, Emanuel. **Textual Criticism of the Hebrew Bible**. Minneapolis: Fortress Press, 2001.

TOV, Emanuel. **Crítica Textual da Bíblia Hebraica**. 1.ed. Rio de Janeiro: bvbooks Editora, 2017, 475p.

WALTKE, Bruce. **Teologia do Antigo Testamento**: uma abordagem exegetica, canônica e temática. São Paulo: Vida Nova, 2015, 1232p.

WALTKE, Bruce K.; O'CONNOR, Michael P. **An introduction to biblical Hebrew syntax**. Winona Lake: Eisenbrauns, 1990.

WALTON, John H.; MATTHEWS, Victor H.; CHAVALAS, Mark W. **Comentário histórico-cultural da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 2018, 1088p.